

crepúsculo

S T E P H E N I E M E Y E R

Tradução
Vera Falcão Martins

1001
MUNDOS

PRIMEIRA VISTA

A minha mãe levou-me ao aeroporto, de automóvel, com os vidros abertos. Estava uma temperatura de trinta e cinco graus em Phoenix e o céu tingido de um azul perfeito e sem nuvens. Usava a minha camisa preferida – sem mangas, de renda branca com ilhós; vestira-a como um gesto de despedida. A peça de vestuário que trazia na mão era um anoraque.

Na Península Olímpica do Noroeste do estado de Washington existe uma pequena localidade chamada Forks que se encontra imersa num quase permanente manto de nuvens. Nesta insignificante localidade chove mais do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos da América. Foi desta localidade e da sua sombra carregada e omnipresente que a minha mãe fugiu, levando-me consigo, quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Nesta cidade fui obrigada a passar um mês todos os verões até completar catorze anos. Mas nesse ano, finalmente, protestei. Em vez disso, nos últimos três verões, o meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia.

Foi em Forks que eu agora me exilei – um ato que assumi com grande horror. Eu detestava Forks.

Adorava Phoenix. Adorava o sol e o calor escaldante. Adorava a cidade vigorosa e desordenada.

– Bella – disse-me a minha mãe, pela derradeira vez, após o ter repetido outras mil, antes de eu entrar no avião –, não tens de fazer isto.

A minha mãe parece-se comigo, excluindo o facto de ter cabelos curtos e rugas de expressão. Senti um acesso de pânico ao fitar os seus olhos arregalados, quase infantis. Como podia deixar a minha mãe terna, excêntrica e estouvada a cuidar de si mesma? É claro que agora tinha Phil, pelo que as contas seriam provavelmente pagas, haveria comida no frigorífico, gasolina no carro dela e alguém a quem ela poderia telefonar quando se perdesse, mesmo assim...

– Eu *quero* ir – menti.

Nunca soube mentir mas, ultimamente, repetia esta mentira com tanta frequência que já quase parecia convincente.

– Dá cumprimentos meus ao Charlie – disse-me, resignada.

– Fá-lo-ei.

– Ver-te-ei em breve – insistiu ela. – Podes regressar a casa quando desejares, voltarei assim que precisares de mim.

No entanto, eu conseguia ver o sacrifício que os seus olhos refletiam por trás da promessa.

– Não te preocupes comigo – exortei. – Será ótimo. Eu gosto muito de ti, mãe.

Abraçou-me firmemente durante um instante e, em seguida, embarquei no avião e ela partiu.

A viagem aérea de Phoenix a Seattle tem a duração de quatro horas, seguidas de mais uma hora num pequeno avião até Port Angeles e outra de automóvel até Forks. Viajar de avião não me incomoda; estava, porém, um pouco preocupada com a viagem de uma hora de carro na companhia de Charlie.

Na verdade, Charlie encarara toda aquela situação com bastante simpatia. Parecia sinceramente satisfeito com o facto de, pela primeira vez, eu ir viver com ele com a intenção de prolongar a minha estada por algum tempo. Já me matriculara no liceu e ia ajudar-me na compra de um carro.

A convivência com Charlie prometia, porém, ser marcada por alguma falta de à vontade. Nenhum de nós era aquilo que qualquer pessoa designaria por *verboso* e, de qualquer forma, eu não sabia o que dizer. Tinha consciência de que ele estava mais do que apenas um pouco confundido com a minha decisão. Tal como a minha mãe antes de mim, eu não fizera questão de esconder a minha antipatia por Forks.

Quando aterrei em Port Angeles estava a chover. Não considerei este facto como um presságio – apenas como algo inevitável. Já me despedira do sol.

Charlie aguardava-me no carro-patrolha, o que também não me surpreendeu. Ele é o chefe Swan da polícia das boas gentes de Forks. A minha principal motivação para a compra de um carro, apesar da escassez dos meus fundos, era o facto de me recusar a percorrer a cidade numa viatura com luzes azuis e vermelhas no tejadilho. Nada abranda o fluxo do tráfego como um agente da polícia.

Charlie deu-me um desajeitado abraço com apenas um braço, depois de eu ter desembarcado do avião com passos vacilantes.

– É bom ver-te, Bells – exclamou ele, sorrindo ao agarrar-me automaticamente e devolvendo-me o equilíbrio. – Não mudaste muito. Como está a Renée?

– A mãe está ótima. Também é bom ver-te, pai.

Não me era permitido chamar-lhe «Charlie» abertamente.

Tinha apenas algumas malas. A maioria das roupas que eu usava no Arizona era demasiado permeável para poder vesti-la em Washington. Eu e a minha mãe tínhamos reunido os nossos recursos para reforçar o meu guarda-roupa de inverno, mas este continuava a ser escasso. Tudo coube perfeitamente no porta-bagagem.

– Encontrei um bom carro para ti, a um preço bastante reduzido – comunicou-me depois de entrarmos no carro e de termos colocado os cintos de segurança.

– Que género de carro?

A forma como ele dissera «um bom carro para ti» em vez de apenas «um bom carro» suscitou em mim algumas suspeitas.

– Bem, na verdade, é uma *pick-up*, uma *Chevrolet*.

– Onde a encontraste?

– Recordas-te do Billy Black, que mora lá em baixo, em La Push?

La Push é a minúscula Reserva Índia junto à costa.

– Não.

– Ele costumava ir pescar connosco durante o verão – lembrou Charlie.

Isto explica por que motivo não me recordava dele. Sou bastante bem-sucedida nas minhas tentativas de apagar factos dolorosos e desnecessários da memória.

– Ele encontra-se agora numa cadeira de rodas – prosseguiu Charlie ao verificar que eu não retorquia –, pelo que não pode conduzir e propôs vender-me a sua *pick-up* a um preço reduzido.

– De que ano é?

Apercebi-me, pela mudança de expressão no seu rosto, de que esta era a questão que ele esperava que eu não colocasse.

– Bem, o Billy já procedeu a muitos melhoramentos no motor. Na verdade, tem apenas alguns anos.

Supunha que ele não me tivesse em tão pouca consideração a ponto de acreditar que eu desistiria assim tão facilmente.

– Quando é que ele a comprou?

– Comprou-a em 1984, creio eu.

– E era nova quando a comprou?

– Bem, não. Penso que era nova no início dos anos 60 ou, no máximo, no final dos 50 – reconheceu timidamente.

– Me... Pai, não percebo realmente nada de carros. Não seria capaz de a arranjar se surgisse algum problema e não pudesse pagar a um mecânico...

– A sério, Bella, a coisa funciona às mil maravilhas. Já não se fabricam *pick-ups* como aquela.

«A coisa», pensei para comigo... «tinha potencial como alcunha, no mínimo.»

– A que te referes quando falas em preço reduzido?

No fim de contas, era em relação a este aspeto que não podia comprometer-me.

– Bem, querida, eu de certa forma já ta comprei. Como um presente de regresso a casa.

Charlie mirava-me pelo canto do olho com um ar esperançoso. «Ena. De borla.»

– Não precisavas de fazer isso, pai. Eu ia comprar um carro.

– Não me importo. Quero que sejas feliz aqui.

Olhava em frente, para a estrada, quando proferiu estas palavras. Charlie não se sentia à vontade ao exprimir verbalmente as suas emoções. Herdei esta característica dele. Logo, olhava em frente quando repliquei:

– É muito simpático da tua parte, pai. Obrigada. Agradeço-te muito.

Não havia necessidade de acrescentar que ser feliz em Forks seria uma impossibilidade. Ele não precisava de partilhar do meu sofrimento. Além disso, nunca tinha observado o motor de uma *pick-up*.

– Ora, não tens de quê – balbuciou, embaraçado com o meu agradecimento.

Trocámos mais alguns comentários a respeito do tempo, que estava húmido, e a conversa resumiu-se praticamente a isso. Lançávamos, em silêncio, o olhar fixo através das janelas.

A paisagem era evidentemente bela; eu não podia negá-lo. Tudo era verde: as árvores, os troncos revestidos de musgo, os ramos em forma de abóbada, o solo coberto de fetos. O próprio ar, filtrado pelas folhas, assumia uma tonalidade verde.

Era demasiado verde – um planeta extraterrestre.

Finalmente chegámos a casa de Charlie. Vivia ainda na pequena casa com dois quartos que comprara em conjunto com a minha mãe, nos seus primeiros tempos de casados – os únicos tempos que o casamento de ambos durou. Ali estacionada na rua, em frente à casa que nunca alterava, encontrava-se a minha nova – bem, nova para mim – *pick-up*. Caracterizava-se por um tom vermelho desbotado, grandes para-choques arredondados e uma cabina abaulada. Para minha grande surpresa, adorei-a. Não sabia se funcionaria, mas conseguia imaginar-me dentro dela. Além disso era um daqueles veículos de ferro, sólido, nos quais nunca se consegue fazer uma mozza – do género daqueles que se veem no local onde ocorreu um aci-

dente, sem um único risco na pintura, rodeado pelos destroços do carro que destruíra.

– Ena, pai, adoro-a! Obrigada!

A partir deste momento, o meu dia horrível já se tornava muito menos pavoroso. Não seria confrontada com a escolha entre percorrer três quilómetros a pé, à chuva, até à escola ou aceitar uma boleia no carro-patrolha do chefe.

– Ainda bem que gostas – afirmou Charlie de um modo rude, novamente embaraçado.

De uma só vez conseguimos levar todos os meus pertences para o andar superior. Fiquei no quarto virado para oeste, com vista para o pátio em frente à casa. O quarto não me era estranho; pertencera-me desde que eu nascera. O piso de madeira, as paredes pintadas de azul-claro, o teto em ogiva, as cortinas de renda amarelada na janela – todos estes pormenores faziam parte da minha infância. As únicas alterações a que Charlie alguma vez procedera foram a substituição do berço por uma cama e a colocação de uma secretária à medida que fui crescendo. Esta suportava agora um computador em segunda mão, com o cabo telefónico para ligar ao modem fixo ao longo do piso até à tomada telefónica mais próxima. Esta fora uma condição que a minha mãe impusera, de modo a que pudéssemos permanecer facilmente em contacto uma com a outra. A cadeira de balouço dos meus tempos de bebé ainda se encontrava a um canto.

Havia apenas uma pequena casa de banho ao cimo das escadas, que teria de partilhar com Charlie. Tentava não me deter muito sobre este assunto.

Uma das melhores características de Charlie é o facto de não me controlar. Deixou-me sozinha para desfazer as malas e me instalar, um feito que para a minha mãe seria absolutamente impossível. Era agradável estar só, não ter de sorrir e parecer satisfeita; era um alívio olhar, deprimida, a chuva copiosa através da janela e deixar escapar algumas lágrimas. Não estava com disposição para desatar numa autêntica choradeira. Reservaria o desabafo para a hora de deitar, ao pensar no dia seguinte.

O Liceu de Forks contava com um inquietante total de trezentos e cinquenta e sete – agora trezentos e cinquenta e oito – alunos; na cidade de onde provinha, só na escola do terceiro ciclo do ensino básico havia mais de setecentas pessoas. Em Forks todos os miúdos tinham crescido juntos – os seus avós aprenderam a andar juntos. Eu seria a nova aluna da cidade grande, uma curiosidade, uma aberração.

Se aparentasse ser uma rapariga de Phoenix, talvez pudesse tirar partido da situação. Em termos físicos, porém, nunca me integraria em parte alguma. *Devia* ter a pele bronzeada, ser loura e dada à atividade desportiva – talvez

uma jogadora de voleibol ou chefe de claque – tudo coisas inerentes à vida no vale do Sol.

Em vez disso, a minha pele era ebúrnea, não tendo sequer a desculpa dos olhos azuis ou dos cabelos ruivos, apesar de o Sol brilhar de uma forma constante. Sempre tivera um corpo esbelto, mas, de certo modo, flácido, o que não correspondia obviamente ao corpo de uma atleta; não possuía a coordenação entre as mãos e os olhos necessária para praticar desporto sem ser sujeita a uma humilhação, lesionando-me ou a quem estivesse demasiado perto de mim.

Quando acabei de colocar as roupas na velha cómoda de pinho, peguei na bolsa que continha os produtos de higiene pessoal e dirigi-me à casa de banho comum para me lavar depois de um dia de viagem. Olhei-me ao espelho, enquanto escovava o cabelo húmido e emaranhado. Talvez se devesse à luz, mas já parecia mais lívida, pouco saudável. A minha pele podia ser bonita – era muito clara, com um aspeto quase translúcido –, mas tudo dependia da cor. Ali, era completamente descorada.

Encarando o meu pálido reflexo no espelho, fui obrigada a admitir que estava a mentir a mim mesma. Não era apenas em termos físicos que eu jamais me integraria. «Se eu não conseguia encontrar o meu lugar numa escola com três mil pessoas, quais seriam as minhas hipóteses ali?»

Não me relacionava de forma satisfatória com as pessoas da minha idade. Na verdade, talvez não me relacionasse de forma satisfatória com as pessoas, ponto final. Nem com a minha mãe, a pessoa a quem neste mundo eu era mais chegada, conseguia manter uma relação harmoniosa, nunca estando propriamente em sintonia. Por vezes, interrogava-me se via as mesmas coisas que o resto do mundo. Talvez o meu cérebro tivesse um problema técnico.

A causa, porém, não era importante. O único aspeto relevante era o efeito. O dia seguinte seria apenas o princípio.

Não dormi bem nessa noite, mesmo depois de ter acabado de chorar. O som constante provocado pela chuva e pelo vento ao fustigarem o telhado recuava-se a enfraquecer e a reduzir-se a um ruído de fundo. Puxei a velha e desbotada colcha para tapar a cabeça e, mais tarde, recorri à almofada, mas só consegui adormecer depois da meia-noite, quando a chuva finalmente amainou e se transformou em chuviscos mais silenciosos.

De manhã, através da minha janela, conseguia ver apenas um denso nevoeiro e sentia uma claustrofobia a assaltar-me. Ali nunca se conseguia ver o céu; era como uma gaiola.

O pequeno-almoço tomado com Charlie foi tranquilo. Ele desejou-me boa sorte para o primeiro dia de escola. Agradei-lhe, sabendo que as suas

esperanças eram vãs. A boa sorte tendia a evitar-me. Charlie foi o primeiro a sair, dirigindo-se para a esquadra da polícia, a sua esposa e a sua família. Depois de ele sair, sentei-me à velha e quadrada mesa de madeira de carvalho, numa das três cadeiras diferentes e examinei a pequena cozinha com paredes escuras, armários de um tom amarelo vivo e o piso de linóleo branco. Nada sofrera alterações. A minha mãe pintara os armários há dezoito anos, na tentativa de iluminar um pouco a casa como se do brilho do Sol se tratasse. Por cima da pequena lareira da sala de estar, que tinha as dimensões de um lenço, encontrava-se uma sucessão de retratos. Em primeiro lugar, um do casamento de Charlie e da minha mãe em Las Vegas; depois um no qual figurávamos os três, no hospital, após o meu nascimento e que fora tirado por uma prestável enfermeira. Seguiu-se uma procissão dos meus retratos escolares até ao do ano passado. Era embaraçoso olhá-los – tinha de ver o que podia fazer para convencer Charlie a colocá-los noutra lugar, pelo menos enquanto ali morasse.

Naquela casa era impossível não depreender que Charlie jamais esquecer a minha mãe, o que me causou algum incómodo.

Não queria chegar demasiado cedo à escola, mas já não conseguia ficar em casa. Vesti o casaco – que ao toque parecia um fato de proteção contra riscos biológicos – e saí, expondo-me à chuva.

Continuava a chuveirar, o que não foi suficiente para ficar encharcada enquanto tentava alcançar a chave de casa, que ficava sempre escondida debaixo do beiral, junto à porta que tranquei. O chapinhar das minhas botas novas de chuva era enervante. Senti a falta do habitual ruído do cascalho enquanto caminhava. Não podia deter-me e admirar, de novo, a minha *pick-up* conforme pretendia; tinha pressa de me abrigar da humidade brumosa que rodopiava em torno da minha cabeça e aderira ao meu cabelo protegido pelo capuz.

O interior da *pick-up* estava seco e agradável. Era visível que Billy ou Charlie lhe tinham feito uma limpeza, mas, dos bancos com estofos castanho-amarelados, ainda emanava um odor a tabaco, gasolina e hortelã-pimenta. O motor pegou rapidamente, para meu alívio, mas de forma sonora, roncando no princípio e, em seguida, começando a falhar ao atingir o volume máximo. Bem, uma *pick-up* tão velha tinha de ter, obrigatoriamente, algum defeito. O antigo rádio funcionava, um fator positivo com que eu não contava.

Não foi difícil encontrar a escola, apesar de nunca ali ter estado antes. Situava-se, tal como a maior parte das outras coisas, logo à saída da estrada nacional. À primeira vista não parecia tratar-se de uma escola; apenas a tabuleta, que indicava ser o Liceu de Forks, me fez parar. Aparentava ser um aglomerado de casas similares, construídas com tijolos de cor castanho-avermelhada. Havia tantas árvores e arbustos que, a princípio, não consegui

aperceber-me da sua dimensão. «O que era feito da sensação de instituição?», interroguei-me nostalgicamente. «O que era feito das vedações de rede metálica e dos detetores de metais?»

Estacionei em frente ao primeiro edifício. Por cima da porta encontrava-se um letreiro onde se podia ler: «CONSELHO EXECUTIVO.» Nenhum outro carro estava ali parado, pelo que tive a certeza de que o estacionamento era proibido. Mas resolvi ir pedir indicações no interior, em vez de andar às voltas debaixo de chuva, como uma idiota. Saí de má vontade da aconchegante cabina da *pick-up* e percorri um pequeno caminho empedrado, ladeado por sebes escuras. Respirei fundo antes de abrir a porta.

O interior estava intensamente iluminado e mais quente do que imaginei. O gabinete era pequeno: uma pequena zona de espera com cadeiras articuladas e almofadadas; um tapete comercial com manchas cor de laranja; avisos e prémios a preencherem desordenadamente as paredes; um grande relógio a marcar o tempo de uma forma sonora. Cresciam plantas por toda a parte, dentro de grandes vasos de plástico, como se não houvesse verdura suficiente no exterior. A sala estava dividida ao meio por um balcão comprido, atulhado de cestos de arame repletos de papéis e com folhetos intensamente coloridos colados na sua parte frontal. Por trás do balcão havia três secretárias, uma das quais ocupada por uma corpulenta mulher de cabelos ruivos, que usava óculos. Usava uma camisola roxa de mangas curtas, o que imediatamente fez com que me sentisse trajada com exagero.

A mulher de cabelos ruivos levantou os olhos.

– Posso ajudá-la?

– Chamo-me Isabella Swan – informei-a e vi que aqueles se iluminaram de imediato. Eu era esperada e, sem dúvida, um tema de mexericos. Filha da volúvel ex-mulher do chefe, que finalmente regressava a casa.

– É claro – retorquiu ela.

Revistou uma pilha de documentos precariamente amontoados na sua secretária até encontrar o que procurava.

– Tenho o teu horário aqui, assim como um mapa da escola.

Trouxe várias folhas até ao balcão para mas mostrar. Enumerou as aulas a que eu assistiria, salientando no mapa o melhor itinerário para chegar a cada sala, e deu-me um pequeno pedaço de papel que teria de ser assinado por cada professor e devolvido no final do dia. Ela sorriu-me e, tal como Charlie, afirmou esperar que eu gostasse de estar em Forks. Retribuí o sorriso da forma mais convincente.

Quando regresssei à minha *pick-up*, começavam a chegar mais alunos. Contornei a escola, seguindo a fila de trânsito. Fiquei contente ao verificar que na sua maioria os carros eram mais antigos, tal como o meu, e nada

ostentosos. Na terra onde antes vivera, morava num dos poucos bairros para famílias de rendimentos mais baixos, que pertenciam ao distrito de Paradise Valley. No entanto, era comum ver um *Mercedes* ou um *Porsche* novo no parque de estacionamento para estudantes. Aqui, o automóvel mais vistoso era um *Volvo*. Mesmo assim desliguei o motor mal estacionei, para que o ruído atroador não chamasse a atenção.

Consultei o mapa dentro da *pick-up*, tentando fixá-lo imediatamente na memória; com alguma sorte, não teria de andar todo o dia na escola com ele diante do nariz. Guardei tudo dentro da mochila, coloquei a alça ao ombro e inspirei profundamente. «Consigo fazer isto», menti sem grande convicção. «Ninguém há de morder-me.» Por fim, expirei e saí da *pick-up*.

Mantive o rosto escondido pelo capuz enquanto me dirigia ao passeio apinhado de adolescentes. «O meu simples casaco preto não dava nas vistas», observei com alívio.

Assim que contornei a cantina, foi fácil localizar o edifício três. Na esquina oriental estava pintado um «3», grande e preto, num quadrado branco. Senti-me mais ofegante à medida que me aproximava da entrada. Tentei suster a respiração ao seguir duas gabardinas unissexo, que se dirigiam para o interior.

A sala de aula era pequena. As pessoas que caminhavam à minha frente detiveram-se a seguir à porta, para pendurarem os casacos numa longa fileira de cabides. Imitei-as. Havia duas raparigas: uma era loura, com pele cor de porcelana, e a outra tinha igualmente uma tez pálida e os cabelos castanho-claros. «Pelo menos, a minha pele não sobressairá aqui.»

Levei o pequeno pedaço de papel ao professor, um homem alto, cuja calvície começava a alastrar-se, com o nome visível numa placa sobre a secretária, identificando-o como sendo o «Professor Mason». Fitou-me surpreendido ao ver o meu nome – o que não foi uma reação animadora – e, como é óbvio, fiquei vermelha como um tomate. Ele mandou-me sentar numa carteira vaga, ao fundo da sala, sem me apresentar à turma. Era mais difícil para os meus colegas de turma olharem-me fixamente estando eu bem lá atrás; de qualquer forma conseguiam fazê-lo. Mantive o olhar baixo, preso na lista de leituras que o professor me tinha facultado. Esta era relativamente elementar: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Um facto reconfortante... e entediante. Perguntei-me se a minha mãe me enviaria a pasta que reunia os trabalhos antigos ou se consideraria que o facto de eu socorrer-me deles seria o equivalente a copiar. Enquanto o professor falava monotonamente, revivi em pensamento diversas discussões que se tinham desenrolado entre nós.

Quando a campainha tocou, emitindo um som que lembrava um zumbido nasalado, um rapaz esgalgado com problemas cutâneos e cabelo que se assemelhava a um derrame de petróleo, inclinou-se e falou comigo.

– És a Isabella Swan, não és?

Parecia ser o género de rapaz demasiado prestável, que pertence ao clube de xadrez.

– Bella – corrigi.

Todos os que estavam sentados num raio de três lugares viraram-se para mim.

– Onde é a tua próxima aula? – perguntou ele.

Tive de confirmar essa informação na minha mochila.

– Hum... Administração Pública, com o Jefferson, no edifício seis.

Não havia para onde me virar sem deparar com olhos curiosos.

– Eu vou para o edifício quatro, posso indicar-te o caminho...

«É, sem dúvida, excessivamente prestável.»

– Chamo-me Eric – acrescentou.

Sorri com alguma hesitação.

– Obrigada.

Pegámos nos casacos e dirigimo-nos para o exterior, onde a chuva caía mais intensamente. Poderia jurar que, atrás de nós, caminhavam várias pessoas a uma distância suficiente para escutar a conversa. Esperava não tornar-me paranóica.

– Então, isto é muito diferente de Phoenix, não? – perguntou ele.

– Muito.

– Lá, não chove muito, certo?

– Três ou quatro vezes por ano.

– Ena, como é o clima lá? – quis ele saber.

– Soalheiro – informei.

– Não pareces muito bronzada.

– A minha mãe é parcialmente albina.

Ele examinou com apreensão o meu rosto e eu suspirei. Pelos vistos as nuvens e o sentido de humor não eram conciliáveis. «Bastam uns meses neste ambiente para me esquecer de como se fazem comentários sarcásticos.»

Voltámos a contornar a cantina e encaminhámo-nos para os edifícios que se situavam a sul, junto do ginásio. Eric acompanhou-me até à porta, apesar de o edifício estar visivelmente sinalizado.

– Bem, boa sorte – exclamou mal toquei no puxador. – Talvez tenhamos outras aulas em conjunto.

«Parecia esperançoso.» Sorri-lhe vagamente e entrei.

Passei o resto da manhã sensivelmente da mesma forma. O meu professor de Trigonometria, o professor Varner que de qualquer modo teria odiado devido à disciplina que lecionava, foi o único que me fez ficar espedada diante

da turma a fim de me apresentar. Gaguejei, ruborizei e tropecei nas minhas botas ao dirigir-me para o meu lugar.

Passadas duas aulas, comecei a reconhecer rostos em cada uma das disciplinas que se seguiram. Havia sempre alguém mais corajoso que se apresentava e me fazia perguntas a respeito do que achava de Forks. Tentava ser diplomática mas, a maior parte das vezes, limitava-me a fazer bastantes afirmações que não correspondiam à verdade. Pelo menos, nunca precisei de recorrer ao mapa.

Uma rapariga sentou-se ao meu lado nas aulas de Trigonometria e de Espanhol, acompanhando-me na caminhada até à cantina para almoçarmos. Era baixinha, com uma estatura bastante inferior aos meus 1,62 m, mas os seus cabelos escuros rebeldemente encaracolados compensavam grande parte da nossa diferença de alturas. Não conseguia recordar-me do seu nome; por conseguinte, sorria e acenava com a cabeça enquanto ela tagarelava a propósito de professores e de aulas. Não me esforçava por lhe seguir o raciocínio.

Sentámo-nos na extremidade de uma mesa, ocupada por vários amigos seus, que ela entretanto me apresentou. Esqueci os nomes de todos, mal os disse. Pareciam impressionados com a sua valentia em falar comigo. O rapaz que conheci na aula de Inglês, Eric, acenou-me do lado extremo da sala.

Foi ali, enquanto estava sentada no refeitório tentando conversar com sete desconhecidos curiosos, que os vi pela primeira vez.

Estavam sentados a um canto da longa sala, tão afastados quanto o possível do local onde me encontrava. Eram cinco. Não conversavam nem comiam, apesar de cada qual ter um tabuleiro diante de si, com a comida intacta. Não me fitavam imbecilmente, ao contrário da maioria dos alunos; pelo que era seguro olhá-los fixamente, sem receio de me deparar com um olhar excessivamente interessado. Não foi, todavia, nenhum destes aspetos que despertou e prendeu a minha atenção.

A sua aparência em nada se assemelhava. Dos três rapazes, um era grande – musculado como um halterofilista, com o cabelo escuro e encaracolado. Outro era mais alto, mais esguio, mas, ainda assim, musculoso e com cabelo louro da cor do mel. O último era esguio, menos corpulento, com o cabelo cor de bronze e desalinhado. Tinha um aspeto mais pueril que os restantes, que aparentavam ter idade para frequentar a faculdade ou ser professores em vez de alunos.

As raparigas constituíam os perfeitos opostos. A mais alta era escultural. Tinha uma bela silhueta do género das que figuram na capa da edição dedicada a fatos de banho da revista *Sports Illustrated* e que fazem aumentar a autoestima de todas as raparigas em redor, simplesmente por estarem na mesma sala. Tinha os cabelos dourados, ondulando suavemente até ao meio

das costas. A rapariga baixa parecia um duende. Era muito magra, com traços delicados, cabelos curtos pintados de um negro acentuado e que apontavam em todas as direções.

Apesar de muito diferentes, todos eram idênticos. Todos eram pálidos como o giz; os mais pálidos de todos os estudantes que viviam naquela terra sem sol. Mais pálidos do que eu, a albina. Todos se caracterizavam por uns olhos extremamente escuros, apesar da grande variedade de tons de cabelo. Tinham também sombras escuras sob os olhos – sombras arroxeadas, semelhantes a hematomas, como se tivessem passado uma noite sem dormir ou estivessem na fase final de recuperação de um nariz partido. Ainda que os narizes e todos os traços fisionómicos fossem retos, perfeitos, angulares.

Não era, contudo, por nenhum destes motivos que não conseguia afastar o olhar.

Observava-os fixamente pelo facto de os seus rostos, tão diferentes mas tão similares, serem todos avassaladora e desumanamente belos. Eram rostos que nunca se esperava ver, a não ser talvez nas páginas aerografadas de uma revista de moda ou pintados por um velho mestre como sendo a face de um anjo. Era difícil determinar quem seria o mais belo – talvez a rapariga loura ou o rapaz de cabelo cor de bronze.

Todos desviavam o olhar; desviavam-no uns dos outros, dos restantes alunos e de tudo em particular, tanto quanto me foi possível verificar. Enquanto os observava, a rapariga pequena levantou o tabuleiro – um refrigerante por abrir, uma maçã por trincar – e afastou-se com uns rápidos e graciosos passos largos, que seriam bem empregues numa pista de corrida. Observei-a, surpreendida com o delicado andar de bailarina, até que ela despejou o tabuleiro e afastou-se pela porta das traseiras, de uma forma mais ágil do que imaginara ser possível. Os meus olhos precipitaram-se de novo sobre os outros que permaneciam inalteradamente sentados.

– Quem são *eles*? – perguntei à rapariga que conhecera na aula de Espanhol, cujo nome já tinha esquecido.

Quando ela levantou o olhar para ver a quem me referia – embora, provavelmente, já o soubesse pelo meu tom de voz –, ele olhou de repente para ela; era o mais magro, o mais pueril e talvez o mais novo. Olhou para a rapariga que estava ao meu lado durante uma fração de segundo e, em seguida, os seus olhos escuros cruzaram-se com os meus.

Ele de imediato desviou o olhar, mais rapidamente do que eu faria ainda que, num assomo de embaraço, o tivesse baixado num ápice. Naquele breve relance o seu rosto não revelou qualquer interesse – era como se a rapariga tivesse entoadado o seu nome e ele olhasse involuntariamente, já decidido a não responder.

A rapariga que estava junto de mim soltou uns risinhos de embaraço e olhou, tal como eu, para a mesa.

– São o Edward e o Emmett Cullen, a Rosalie e o Jasper Hale. A que se foi embora era a Alice Cullen; vivem todos com o Dr. Cullen e a esposa – informou num timbre segredo.

Relancei o olhar na direção do belo rapaz que, naquele momento, olhava para o tabuleiro, desfazendo um pão com os dedos longos e pálidos. A boca mexia-se muito rapidamente, mal abrindo uns lábios perfeitos. Os restantes três continuavam a desviar o olhar e, mesmo assim, tive a sensação de que ele lhes dirigia palavras discretas.

«Que nomes estranhos e impopulares», pensei. O tipo de nomes com que os avós eram batizados. Talvez, porém, estivesse em voga naquela localidade: «nomes de cidade pequena?». Lembrei-me entretanto que a rapariga ao meu lado se chamava Jessica, um nome perfeitamente comum. Na cidade onde eu vivera, havia duas raparigas chamadas «Jessica» em História.

– São... muito bem-parecidos – afirmei, debatendo-me com o conspícuo eufemismo.

– Pois são! – concordou Jessica com um novo risinho. – Porém, todos estão comprometidos uns com os outros: o Emmett com a Rosalie e o Jasper com a Alice, quero eu dizer. Além disso, vivem juntos.

A sua voz transparecia todo o choque e a condenação de uma pequena cidade, constatei de um modo crítico. No entanto, se quisesse ser sincera, tinha de reconhecer que mesmo em Phoenix esse facto seria um motivo de mexericos.

– Quais são os Cullen? – perguntei. – Não são aparentados...

– Oh, e não o são. O Dr. Cullen é extremamente jovem; anda na casa dos vinte ou trinta. São todos adotados. Os Hale são irmãos, mais precisamente gémeos – os louros – e foram colocados numa família de acolhimento.

– Parecem com uma idade já avançada para serem colocados numa família de acolhimento.

– Agora sim. Tanto o Jasper como a Rosalie têm dezoito anos, mas estão ao cuidado da Sra. Cullen desde os oito. Ela é tia deles ou algo do género.

– É bastante simpático da parte deles, o facto de cuidarem daqueles miúdos, sendo eles tão jovens.

– Suponho que sim – reconheceu Jessica com relutância, deixando-me com a impressão de que, por algum motivo, ela não gostava do médico nem da esposa. Com os olhares que lançava aos filhos adotados de ambos, presumia que o motivo fosse inveja. – Julgo, porém, que a Sra. Cullen não pode ter filhos – acrescentou, como se isso diminuísse a bondade do casal.

Durante a conversa os meus olhos vaguearam uma e outra vez na direção da mesa, à qual a estranha família se encontrava sentada. Observavam as paredes e não comiam.

– Viveram em Forks desde sempre? – perguntei.

Decerto teria reparado neles em algum dos verões que ali passei.

– Não – exclamou num tom de voz que insinuava que o facto deveria ser óbvio, mesmo para uma recém-chegada como eu. – Mudaram-se para cá há apenas dois anos, vindos de algures no Alasca.

Fui invadida por um sentimento de piedade e de alívio. Senti piedade, pois, sendo tão belos, eram forasteiros claramente não aceites. Por outro lado, senti alívio por não ser a única recém-chegada nem, de forma manifesta, a mais interessante segundo qualquer critério.

Enquanto os examinava, o mais novo dos Cullen ergueu o olhar cruzando-o com o meu, desta vez com uma curiosidade evidente na expressão facial. Ao desviar rapidamente o olhar, pareceu-me que o dele transmitia uma ligeira sensação de expetativas não correspondidas.

– Qual é o rapaz com cabelo castanho-arruivado? – perguntei.

Observei-o pelo canto do olho e ele continuava a olhar-me fixamente, mas não de um modo espantado como os restantes alunos tinham feito naquele dia – exibia uma expressão de alguma frustração. Voltei a baixar o olhar.

– É o Edward. É lindo, como é evidente, mas não percas tempo. Ele não sai com raparigas. Pelos vistos, nenhuma das raparigas daqui é suficientemente atraente para ele.

Ela torceu o nariz: um caso explícito de despeito. Perguntei-me quando é que ele a teria rejeitado.

Mordi o lábio para disfarçar um sorriso. E voltei a olhá-lo de relance. O seu rosto estava voltado na direção oposta, mas pareceu-me elevado, como se também ele estivesse a sorrir.

Volvidos mais alguns minutos, Edward não voltou a olhar-me.

Permaneci sentada com Jessica e os seus amigos durante mais tempo do que teria feito se estivesse sozinha. Estava ansiosa por não chegar atrasada às aulas no primeiro dia. Uma das minhas novas colegas, que me lembrava recorrentemente de se chamar Angela, teria Biologia II comigo na hora seguinte. Caminhámos juntas para a aula em silêncio. Também ela era tímida.

Quando entrámos na sala de aula, Angela foi sentar-se a uma bancada de laboratório com o tampo preto, idêntica às que estava habituada. Ela já tinha uma colega de carteira. Na realidade, todas as bancadas estavam ocupadas, exceto uma. Ao lado da fila central, reconheci Edward Cullen devido ao seu cabelo invulgar; ele estava sentado junto do único lugar vago.

À medida que percorria a fila para me apresentar ao professor e lhe pedir que assinasse o pequeno pedaço de papel que me fora dado, observava-o sub-repticiamente. E, no momento em que eu passava, ele adotou uma postura rígida. Voltou a observar-me, fixando os olhos nos meus com a mais estranha das expressões – revelava hostilidade, fúria. Apressei-me a desviar o olhar, chocada, enrubescendo de novo. Ao passar, tropecei num livro e tive de procurar o equilíbrio na beira de uma bancada. A rapariga que estava sentada deixou escapar uns risinhos.

Eu reparara no facto de os olhos dele serem negros – como o carvão.

O professor Banner assinou o papel e entregou-me um livro, sem quaisquer apresentações disparatadas. Percebi que nos daríamos bem. Como é evidente, ele não teve outra alternativa senão mandar-me sentar no único lugar vago, no meio da sala. Mantive os olhos baixos enquanto caminhava para ir sentar-me a seu lado, desconcertada com o olhar hostil que ele me tinha lançado.

Não levantei os olhos ao pousar o livro na carteira e ao sentar-me. Pelo canto do olho, vi a sua postura alterar-se. Inclinar-se, distanciando-se de mim. Ficara sentado, mesmo à beirinha da cadeira, e desviara o rosto como se tivesse sentido um odor desagradável. Discretamente, cheirei o meu cabelo. Exalava uma fragrância a morango, o aroma do meu champô preferido. Parecia um odor bastante inócuo. Deixei os meus cabelos caírem sobre o ombro direito, formando uma cortina negra entre nós, e tentei prestar atenção ao professor.

Infelizmente, a lição tinha como tema a anatomia celular, algo que já estudara. De qualquer forma, tomei notas cuidadosamente e mantive o olhar baixo.

De vez em quando não conseguia evitar espreitar, através do biombo do meu cabelo, o estranho rapaz que estava ao meu lado. Durante toda a aula, nunca relaxou a posição hirta na borda da cadeira, mantendo-se sentado tão distante quanto possível. Conseguia ver que a sua mão pousada na perna direita estava fechada, formando um punho cerrado com os tendões a sobressaírem sob a pele pálida. Também este nunca relaxou. Tinha as longas mangas da camisa branca arregaçadas até aos cotovelos e o antebraço era surpreendentemente firme e musculoso sob a pele clara. Não era de modo algum tão franzino quanto aparentava, quando estava junto do seu corpulento irmão.

A aula parecia arrastar-se mais do que as restantes. «Dever-se-ia ao facto de o dia estar prestes a terminar ou de eu esperar que o punho tenso se distendesse?» Tal nunca chegou a acontecer; ele permaneceu de tal modo estático que parecia não respirar. «O que se passava com ele? Seria o seu comportamento normal?» Questionei a minha interpretação a respeito do

azedume de Jessica ao almoço. Talvez não estivesse tão despeitada como eu pensara.

Aquela atitude não podia, de forma alguma, estar relacionada comigo. Ele não me conhecia de lado algum.

Espreitei-o uma vez mais e logo me arrependi. Lançou-me novamente um olhar irritado; os seus olhos negros estavam repletos de repulsa. Estremeci ao afastar-me dele e encolhi-me contra a minha cadeira. A expressão «se o olhar matasse» atravessou-me o espírito.

Nesse momento a campainha tocou de uma forma sonora, sobressaltando-me, e Edward Cullen moveu-se no seu lugar. Ergueu-se com naturalidade – «era muito mais alto do que eu pensara» – de costas voltadas para mim e transpôs a porta antes que alguém tivesse tempo de sair do seu lugar.

Permaneci imóvel, lançando o olhar vazio na direção que ele seguira. «Ele era tão mau. Não era justo.» Comecei a recolher os meus pertences lentamente, tentando refrear a raiva que me invadia com o receio de que os meus olhos se enchessem de lágrimas. Por algum motivo, havia uma ligação entre o meu temperamento e os canais lacrimais. Costumava chorar quando estava zangada, o que era uma tendência humilhante.

– Não és a Isabella Swan? – perguntou uma voz masculina.

Levantei o olhar e encarei um rapaz giro, com cara de bebé, cabelo louro-claro cuidadosamente moldado com gel, espetado, e que me sorria de um modo amistoso. Era evidente que ele não achava que eu exalava um odor desagradável.

– Sou a Bella – corrigi-o, esboçando um sorriso.

– Eu chamo-me Mike.

– Olá, Mike.

– Precisas de ajuda para encontrar a sala onde vais ter a próxima aula?

– Vou para o ginásio. Julgo que consigo encontrá-lo.

– É também a minha próxima aula.

Pareceu radiante, ainda que o facto não fosse uma grande coincidência numa escola tão pequena.

Caminhámos juntos; ele era um tagarela – encarregou-se de grande parte da conversa, o que facilitou a minha tarefa. Vivera na Califórnia até aos dez anos e, por conseguinte, queria saber o que eu pensava do sol. Veio a verificar-se que ele também fazia parte da minha turma de Inglês. Foi a pessoa mais simpática que conheci naquele dia.

No entanto, quando entrávamos no ginásio, ele perguntou:

– Então, apunhalaste o Edward Cullen com um lápis ou quê? Nunca o vi agir assim.

Eu retraí-me. «Não fora a única a reparar e pelos vistos aquele não era o comportamento normal de Edward Cullen.» Decidi fazer-me despercebida.

– Referes-te ao rapaz ao lado do qual me sentei na aula de Biologia? – perguntei com naturalidade.

– Sim – respondeu ele. – Parecia estar em sofrimento ou algo do género.

– Não sei – repliquei. – Nem falei com ele.

– É um tipo estranho.

Mike demorava-se na minha companhia em vez de se dirigir ao vestiário.

– Se tivesse a sorte de me sentar a teu lado, teria falado contigo.

Sorri-lhe antes de passar a porta do balneário feminino. Ele era amável e um manifesto admirador, mas isso não era suficiente para atenuar a minha irritação.

O professor de Ginástica, o treinador Clapp, arranjou-me equipamento mas não me obrigou a usá-lo para participar na aula. Na minha terra eram necessários apenas dois anos de Educação Física. Aqui, a disciplina era obrigatória durante os quatro anos. «Forks era literalmente o meu inferno na Terra.»

Assisti a quatro partidas de voleibol que decorriam simultaneamente. Ao lembrar-me das lesões que sofrera – e infligira – sempre que jogava aquela modalidade, senti-me enjoada.

O derradeiro toque da campanha soou por fim. Encaminhei-me vagarosamente para o Conselho Executivo a fim de devolver os documentos que me tinham sido entregues. A chuva afastara-se, mas o vento era forte e estava mais frio. Apertei os braços em torno do meu corpo.

Quando entrei no gabinete aconchegante, quase dei meia volta e saí pelo mesmo sítio.

Edward Cullen estava de pé, junto da secretária, à minha frente. Voltei a reconhecer o seu desgrenhado cabelo cor de bronze. Não pareceu aperceber-se da minha entrada. Fiquei de pé, encostada à parede do fundo, esperando que a rececionista pudesse atender-me.

Discutia com ela num tom grave e sedutor. Depressa compreendi o cerne da questão. Estava a tentar mudar a aula de Biologia ao sexto tempo para uma outra hora – qualquer uma.

Simplesmente não queria acreditar que seria eu o móbil daquela atitude. Devia tratar-se de algo mais, algo que acontecera antes de eu entrar na sala de Biologia. A sua expressão facial deveria ser motivada por uma exasperação completamente distinta. Não era possível que aquele desconhecido tivesse sentido uma antipatia tão intensa e repentina por mim.

A porta abriu-se de novo e o vento frio irrompeu pela sala, soprando os documentos que estavam sobre a secretária e fazendo os meus cabelos redemoinhar à volta do rosto. A rapariga que entrou limitou-se a dirigir-se à

secretária, colocou um bilhete no cesto de arame e saiu. As costas de Edward Cullen ficaram rígidas e ele virou-se lentamente para me fitar – o seu rosto era absurdamente formoso – com um olhar penetrante e repleto de ódio. Por instantes senti um frémito de medo, que fez com que os pêlos dos meus braços se eriçassem. O olhar durou apenas um segundo, mas enregelou-me mais do que o vento. Virou-se de novo para a rececionista.

– Então, esqueça – disse ele apressadamente num tom que parecia veludo.
– Vejo que é impossível. Muito obrigado pela sua ajuda.

Deu meia volta, sem voltar a pousar os olhos em mim, e desapareceu porta fora.

Aproximei-me lentamente da secretária, com o rosto inusitadamente branco em vez de vermelho, e entreguei à rececionista o pedaço de papel assinado.

– Como correu o teu primeiro dia, querida? – perguntou ela maternalmente.

– Muito bem – menti, com uma voz débil.

Não se mostrou convencida.

Quando entrei na *pick-up*, era praticamente a última viatura que se encontrava no parque de estacionamento. Parecia um refúgio, sendo o que havia de mais semelhante a um lar naquele buraco verde e húmido. Permaneci sentada no seu interior por uns momentos, lançando apenas o olhar vazio através do para-brisas. Mas depressa senti frio, ao ponto de necessitar do aquecimento. Liguei a ignição e o motor roncou ao começar a funcionar. Regressei a casa de Charlie, tentando conter as lágrimas ao longo de todo o percurso.

vida e morte

S T E P H E N I E M E Y E R

CREPÚSCULO REIMAGINADO

Tradução
Carla Melo

1001
MUNDOS

PRIMEIRA VISTA

17 de janeiro de 2005

A minha mãe levou-me ao aeroporto, de automóvel, com os vidros abertos. Embora no resto do mundo fosse janeiro, em Phoenix faziam trinta e cinco graus e o céu estava azul. Eu tinha vestido a minha *T-shirt* preferida – a dos Monty Python com as andorinhas e o coco, uma prenda que a minha mãe me tinha dado pelo Natal dois anos antes. Já não me assentava bem, mas isso não tinha importância. Tão cedo não ia voltar a precisar de *T-shirts*.

Na Península Olímpica do Noroeste do estado de Washington existe uma pequena localidade chamada Forks que se encontra debaixo de um manto de nuvens quase permanente. Nesta insignificante localidade chove mais do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos da América. Foi desta localidade e da sua sombra carregada e omnipresente que a minha mãe fugiu, levando-me consigo, quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Foi nesta cidade que fui obrigado a passar um mês todos os verões até completar catorze anos. Nesse ano, finalmente, protestei. Em vez disso, nos últimos três verões, o meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia.

Mas acabei por me ver exilado em Forks durante o tempo que faltava para acabar a escola secundária. Um ano e meio. Dezoito meses. Parecia uma pena de prisão. Dezoito meses, pena efetiva. Quando bati com a porta do carro depois de sair, esta até fez o barulho de grades de ferro a fecharem-se.

Pronto, estou a ser um pouco melodramático. Tenho uma imaginação demasiado ativa, como a minha mãe tanto gostava de me dizer. E, claro está, aquilo era escolha minha.

Isso não tornava as coisas mais fáceis.

Eu adorava Phoenix. Adorava o sol e o calor escaldante. Adorava a cidade vigorosa e desordenada. E adorava viver com a minha mãe, que precisava de mim.

– Não tens de fazer isto – disse-me ela pela última vez, a última de umas cem, mesmo antes de eu avançar para passar pelo posto de segurança do aeroporto.

A minha mãe diz que somos tão parecidos que eu poderia usá-la como espelho para fazer a barba. Isso não é completamente verdade, embora eu não me pareça de todo com o meu pai. O queixo dela é pontiagudo e os seus lábios são cheios, ao contrário dos meus, mas os nossos olhos são exatamente iguais. Nela, parecem infantis – tão grandes e de um azul-claro –, fazem-na parecer mais minha irmã do que minha mãe. Passam a vida a dizer-nos isso e, ainda que ela finja que não, adora. Em mim, o azul-claro é menos juvenil e mais... indeterminado.

Senti um acesso de pânico ao fitar os seus olhos arregalados e preocupados, tão semelhantes aos meus. Durante toda a minha vida, tomei conta dela. Quero dizer, decerto terá havido uma altura, provavelmente quando eu ainda usava fraldas, em que não me cabia tratar das contas, da burocracia, de cozinhar e da sensatez em geral, mas não me lembrava desses tempos.

Seria que deixar a minha mãe a cuidar de si mesma era realmente a coisa certa a fazer? Tinha-me parecido, durante os meses que me debatera para tomar aquela decisão. Mas, naquele momento, estava a achá-la muito errada.

É claro que ela agora tinha Phil, pelo que as contas provavelmente seriam pagas, haveria comida no frigorífico, gasolina no carro dela e alguém a quem poderia telefonar quando se perdesse... Já não precisava tanto de mim.

– Eu *quero* ir – menti. Nunca soube mentir, mas, ultimamente, repetia esta mentira com tanta frequência que já quase parecia convincente.

– Dá cumprimentos meus ao Charlie – disse-me, resignada.

– Vou dar.

– Vemo-nos em breve – insistiu ela. – Podes regressar a casa quando desejares, voltarei assim que precisares de mim.

Mas eu sabia o que isso lhe custaria.

– Não te preocupes comigo – insisti. – Será ótimo. Gosto muito de ti, mãe.

Ela abraçou-me firmemente durante um instante; em seguida, passei pelos detetores de metais e ela foi-se embora.

É um voo de três horas de Phoenix a Seattle, seguidas de mais uma hora num pequeno avião até Port Angeles e outra de automóvel até Forks. Viajar de avião nunca me incomodou; estava, porém, um pouco preocupado com a viagem de uma hora de carro na companhia de Charlie.

Na verdade, Charlie encarara toda aquela situação com bastante dignidade. Parecia sinceramente satisfeito com o facto de, pela primeira vez, eu ir

viver com ele de maneira mais ou menos permanente. Já me tinha matriculado na escola secundária e ia ajudar-me a comprar um carro.

Mas ia ser estranho. Nenhum de nós era propriamente extrovertido – provavelmente, algo necessário para se conseguir viver com a minha mãe. Mas, de qualquer forma, eu não sabia o que dizer. Nunca me tinha dado ao trabalho de esconder a minha antipatia por Forks.

Quando aterrei em Port Angeles estava a chover. Não era um presságio – apenas um facto inevitável. Já me tinha despedido do sol.

Charlie aguardava-me no carro-patrolha, o que também não me surpreendeu. Para as boas gentes de Forks, ele é o chefe Swan. A minha principal motivação para a compra de um carro, apesar da escassez dos meus fundos, era detestar percorrer a cidade numa viatura com luzes azuis e vermelhas no tejadilho. Nada abranda o fluxo do tráfego como um agente da polícia.

Depois de desembarcar, cambaleei até ao abraço desajeitado de Charlie, só com um braço.

– É bom ver-te, Beau – exclamou ele, sorrindo ao agarrar-me automaticamente para me amparar. Demos palmadas nas costas um do outro, embaraçados, e depois recuámos. – Não mudaste muito. Como está a Renée?

– A mãe está ótima. Também é bom ver-te, pai. – Eu não devia tratá-lo por Charlie.

– Sentes-te mesmo à vontade acerca de a deixares?

Ambos tínhamos noção de que a pergunta não dizia respeito à minha própria felicidade. Ele queria saber se eu estava a esquivar-me à responsabilidade de cuidar da minha mãe. Era por isso que ele nunca tinha contestado a minha guarda; sabia que a minha mãe precisava de mim.

– Sim. Não estaria aqui se não tivesse a certeza.

– Muito bem.

As minhas coisas tinham cabido em dois sacos de ginásio. A maioria das roupas que eu usava no Arizona era demasiado permeável para poder ser usada no clima do estado de Washington. Eu e a minha mãe tínhamos unido recursos para reforçar o meu guarda-roupa de inverno, mas este continuava a ser escasso. Apesar de eu poder carregar os dois, Charlie fez questão de levar um.

Isso desequilibrou-me um pouco – não que eu alguma vez tenha sido especialmente equilibrado, sobretudo desde o salto do crescimento. Fiquei com o pé preso no batente da porta, o saco lançou-se para trás e acertou no tipo que estava a tentar entrar.

– Oh, peço desculpa.

Ele não era muito mais velho do que eu, e era bem mais baixo, mas parou em frente ao meu peito com o queixo levantado. Vi que tinha tatuagens

dos dois lados do pescoço. Ao lado dele, uma mulher pequena com o cabelo pintado de preto fitava-me com um ar ameaçador.

– *Desculpa?* – repetiu ela, como se de alguma maneira o meu pedido de desculpas tivesse sido ofensivo.

– Hã, pois?

E então a mulher reparou em Charlie, que estava fardado. Este não teve de dizer nada, limitou-se a olhar para o tipo, que deu meio passo atrás e de repente ficou a parecer muito mais novo, e depois para a rapariga, cujos lábios vermelhos e de aspeto pegajoso se resignaram num beicinho. Sem mais palavra, contornaram-me e encaminharam-se para o pequeno terminal.

Eu e Charlie encolhemos os ombros ao mesmo tempo. Era engraçado que partilhássemos alguns maneirismos, dado que nunca tínhamos passado muito tempo juntos. Talvez fosse genético.

– Encontrei um bom carro para ti, a um preço bastante reduzido – anunciou depois de entrarmos no carro e estarmos a caminho, de cintos de segurança postos.

– Que género de carro? – perguntei, desconfiado por causa da maneira como ele dissera «um bom carro para *ti*» em vez de apenas «um bom carro».

– Bem, na verdade, é uma *pick-up*, uma *Chevrolet*.

– Onde a encontraste?

– Recordas-te da Bonnie Black, que mora lá em baixo, em La Push?

La Push é a minúscula reserva índia junto à costa.

– Não.

– Ela e o marido costumavam pescar connosco durante o verão – acrescentou Charlie.

Isto explicava por que motivo não me recordava dela. Sou bastante bem-sucedido nas minhas tentativas de apagar factos dolorosos e desnecessários da memória.

– Ela agora encontra-se numa cadeira de rodas – prosseguiu Charlie ao verificar que eu não retorquia –, pelo que não pode conduzir e propôs vender-me a sua *pick-up* a um preço reduzido.

– De que ano é?

Apercebi-me, pela mudança de expressão no seu rosto, de que aquela era a questão que ele esperava que eu não colocasse.

– Bem, a Bonnie já procedeu a muitos melhoramentos no motor. Na verdade, tem apenas alguns anos.

Supunha que ele não me tivesse em tão pouca consideração a ponto de acreditar que eu desistiria assim tão facilmente.

– Quando é que ela a comprou?

– Comprou-a em 1984, creio eu.

– E era nova quando a comprou?

– Bem, não. Penso que era nova no início dos anos 60 ou, no máximo, no final dos 50 – reconheceu timidamente.

– Cha... Pai, eu não percebo realmente nada de carros. Não seria capaz de arranjar se surgisse algum problema e não poderia pagar a um mecânico...

– A sério, Beau, a coisa funciona às mil maravilhas. Já não se fabricam *pick-ups* como aquela.

«A coisa», pensei para comigo... tinha potencial como alcunha, no mínimo.

– A que te referes quando falas em preço reduzido?

No fim de contas, era em relação a este aspeto que não podia comprometer-me.

– Bem, filho, eu de certa forma já ta comprei. Como um presente de boas-vindas.

Charlie mirava-me pelo canto do olho com um ar esperançoso.

Ena. De borla.

– Não precisavas de fazer isso, pai. Eu ia comprar um carro.

– Não me importo. Quero que sejas feliz aqui.

Olhava em frente, para a estrada, quando proferiu estas palavras. Charlie não se sentia à vontade a exprimir as suas emoções em voz alta. Mais uma coisa que tínhamos em comum. Logo, olhava em frente quando repliquei:

– Isso foi impecável, pai. Obrigado. Fico mesmo agradecido.

Não havia necessidade de acrescentar que ser feliz em Forks seria uma impossibilidade. Ele não precisava de partilhar do meu sofrimento. E a *pick-up* dada... não se olha o motor.

– Ora, bom, não tens de quê – balbuciou, embaraçado com o meu agradecimento.

Trocámos mais alguns comentários a respeito do tempo, que estava chuvoso, e a conversa resumiu-se praticamente a isso. Em silêncio, olhávamos fixamente pelas janelas.

A paisagem devia ser considerada bela. Tudo era verde: as árvores, os troncos revestidos de musgo, os ramos em forma de abóbada, o solo coberto de fetos. O próprio ar, filtrado pelas folhas, assumia uma tonalidade verde.

Era demasiado verde – um planeta extraterrestre.

Finalmente chegámos a casa de Charlie. Ele ainda vivia na pequena casa com dois quartos que comprara em conjunto com a minha mãe, nos primeiros tempos de casados – os únicos tempos que o casamento deles tinha durado. Ali estacionada na rua, em frente à casa que nunca se alterava, encontrava-se a minha nova – bem, nova para mim – *pick-up*. Caracterizava-se por um tom vermelho desbotado, grandes para-choques arredondados e uma cabina

abaulada. Para minha grande surpresa, adorei-a. Não sabia se funcionaria, mas conseguia imaginar-me dentro dela. Por mais, era um daqueles veículos de ferro, sólido, nos quais nunca se consegue fazer uma mozza – do género daqueles que se veem no local onde ocorreu um acidente, sem um único risco na pintura, rodeado pelas peças do carro acabado de destruir.

– Ena, pai, adoro-a! Obrigado! – Desta vez, o meu entusiasmo era real. Não só a *pick-up* se revelara estranhamente à maneira, como eu já não teria de fazer os três quilómetros à chuva até à escola todas as manhãs. Ou aceitar uma boleia no carro-patrolha, o que obviamente era uma alternativa ainda pior.

– Ainda bem que gostas – afirmou Charlie num tom rude, novamente embaraçado.

De uma só vez conseguimos levar todos os meus pertences para o andar superior. Fiquei no quarto virado para oeste, com vista para o pátio em frente à casa. O quarto não me era estranho; pertencia-me desde que eu nascera. O piso de madeira, as paredes pintadas de azul-claro, o teto em ogiva, as cortinas de renda amarelada na janela – todos estes pormenores faziam parte da minha infância. As únicas alterações a que Charlie alguma vez procedera tinham sido a substituição do berço por uma cama e a colocação de uma secretária à medida que fui crescendo. Esta suportava agora um computador em segunda mão, com o cabo telefónico para ligar ao modem fixo ao longo do piso até à tomada telefónica mais próxima. Fora uma condição que a minha mãe impusera, de modo a que pudéssemos permanecer facilmente em contacto. A cadeira de balouço dos meus tempos de bebé ainda se encontrava a um canto.

Havia apenas uma pequena casa de banho ao cimo das escadas, que teria de partilhar com Charlie, mas já passara pela mesma situação com a minha mãe, o que sem dúvida era pior. Ela tinha muito mais coisas e rejeitava obstinadamente as minhas tentativas de as organizar.

Uma das melhores características de Charlie é o facto de não me controlar. Deixou-me sozinho para desfazer as malas e instalar-me, um feito que para a minha mãe seria absolutamente impossível. Era agradável estar só, não ter de sorrir e parecer satisfeito; era um alívio observar a chuva copiosa e deixar os pensamentos tornarem-se cada vez mais sombrios.

A Escola Secundária de Forks contava com um inquietante total de trezentos e cinquenta e sete – agora trezentos e cinquenta e oito – alunos; na cidade de onde provinha, só no meu ano havia mais de setecentas pessoas. Em Forks, todos os miúdos tinham crescido juntos – os seus avós tinham aprendido a andar juntos. Eu seria o novo miúdo da cidade grande, alguém para quem olhar e de quem falar.

Se tivesse feito parte da malta popular, talvez pudesse tirar partido da situação. Chegar, cheio de mim, pronto para ser coroado rei no baile de

finalistas. Mas não havia como ocultar o facto de eu não ser *esse tipo* – não era a estrela do futebol, não era o presidente da turma, nem sequer o rebelde da moto. Era o miúdo que parecia que devia ser bom a jogar basquete, mas só se não me vissem a andar. O miúdo que era empurrado contra cacifos até ao décimo ano, altura em que de repente fiquei com mais vinte centímetros. O miúdo que era demasiado calado e demasiado pálido, que não sabia nada acerca de jogos, carros ou estatísticas de basebol, nem acerca de qualquer outra coisa que devesse interessar-me.

Ao contrário dos outros miúdos da minha idade, não tinha uma data de tempo livre para me dedicar a *hobbies*. Precisava de equilibrar as contas, de desentupir canos e de fazer as compras da semana.

Pelo menos, até então.

Não me identificava de forma satisfatória com as pessoas da minha idade. Na verdade, talvez não me identificasse de forma satisfatória com as pessoas, ponto final. Nem a minha mãe, a pessoa a quem eu era mais chegado, conseguia propriamente compreender-me. Por vezes, não sabia se via as mesmas coisas que o resto do mundo. Podia ser que o que a mim me parecia verde fosse vermelho para todas as outras pessoas. Talvez me cheirasse a vinagre quando aos outros cheirava a coco. Talvez o meu cérebro tivesse um problema técnico.

A causa, porém, não era importante. O único aspeto relevante era o efeito. E o dia seguinte seria apenas o princípio.

Não dormi bem nessa noite, mesmo depois de ter conseguido calar o que me ia pela cabeça. O som constante da chuva e do vento a fustigarem o telhado recusava-se a enfraquecer e a reduzir-se a um ruído de fundo. Puxei a velha colcha para tapar a cabeça e acabei por acrescentar também a almofada, mas só consegui adormecer depois da meia-noite, quando a chuva finalmente amainou e se transformou numa morrinha silenciosa.

De manhã, pela janela, conseguia ver apenas um denso nevoeiro e sentia a claustrofobia a assaltar-me. Ali nunca se conseguia ver o céu; era como a cela de prisão que eu tinha imaginado.

O pequeno-almoço com Charlie foi tranquilo. Desejou-me boa sorte para o primeiro dia de escola. Agradei-lhe, sabendo que as suas esperanças eram vãs. A boa sorte tendia a evitar-me. Charlie foi o primeiro a sair, dirigindo-se para a esquadra da polícia, que era a sua mulher e família. Depois de ele sair, sentei-me à velha e quadrada mesa de madeira de carvalho, numa das três cadeiras desirmanadas, e examinei a pequena cozinha com paredes escuras, armários de um tom amarelo vivo e o piso de linóleo branco. Nada sofrera alterações. A minha mãe pintara os armários dezoito anos antes, na

tentativa de iluminar um pouco a casa como se do brilho do Sol se tratasse. Por cima da pequena lareira da sala de estar minúscula encontrava-se uma sucessão de retratos. Em primeiro lugar, um do casamento de Charlie e da minha mãe em Las Vegas; depois um no qual figurávamos os três, no hospital, após o meu nascimento e que fora tirado por uma prestável enfermeira. Seguia-se uma procissão dos meus retratos escolares até ao do ano anterior. Era embaraçoso vê-los – os maus cortes de cabelo, os anos com aparelho nos dentes, a acne que por fim tinha desaparecido. Tinha de ver o que podia fazer para convencer Charlie a colocá-los noutra lugar, pelo menos enquanto ali morasse.

Naquela casa era impossível não depreender que Charlie nunca superara a minha mãe, o que me deixava incomodado.

Não queria chegar demasiado cedo à escola, mas não conseguia ficar mais tempo em casa. Vesti o casaco – grosso, de um material plástico irrespirável, como um fato de proteção contra riscos biológicos – e saí para a chuva.

Continuava apenas a pingar, o que não foi suficiente para ficar encharcado enquanto tentava alcançar a chave de casa – que ficava sempre escondida debaixo do beiral, junto à porta – e a usava para trancar a porta. O chapinhar das minhas novas botas impermeáveis era enervante. Sentia a falta do habitual ruído do cascalho enquanto caminhava.

O interior da *pick-up* estava seco e agradável. Era visível que Bonnie ou Charlie lhe tinham feito uma limpeza, mas, dos bancos com estofos castanho-amarelados, ainda emanava um odor a tabaco, gasolina e hortelã-pimenta. O motor pegou rapidamente, para meu alívio, mas de forma sonora, roncando ao princípio e, em seguida, ficando em ralenti muito alto. Bem, uma *pick-up* tão velha tinha de ter algum defeito. O antigo rádio funcionava, um fator positivo de que eu não estava à espera.

Não foi difícil encontrar a escola; tal como a maior parte das outras coisas, ficava logo à saída da estrada nacional. À primeira vista não parecia tratar-se de uma escola; apenas a tabuleta, que indicava ser a Escola Secundária de Forks, me fez parar. Aparentava ser um aglomerado de casas similares, construídas com tijolos de cor castanho-avermelhada. Havia tantas árvores e arbustos que, a princípio, não consegui aperceber-me da sua dimensão. O que era feito da sensação de instituição?, interroguei-me. Onde estavam as vedações de rede metálica e os detetores de metais?

Estacionei em frente ao primeiro edifício. Por cima da porta encontrava-se um letreiro onde se podia ler: CONSELHO EXECUTIVO. Nenhum outro carro estava ali parado, pelo que tive a certeza de que era proibido parar ali. Mas resolvi ir pedir indicações no interior, em vez de andar às voltas debaixo de chuva, como um idiota.

O interior estava intensamente iluminado e mais quente do que imaginei. O gabinete era pequeno: uma pequena zona de espera com cadeiras articuladas e almofadadas; um tapete comercial com manchas cor de laranja; avisos e prêmios a preencherem desordenadamente as paredes; um grande relógio a marcar o tempo de uma forma sonora. Cresciam plantas por toda a parte, dentro de grandes vasos de plástico, como se não houvesse verdura suficiente no exterior. A sala estava dividida ao meio por um balcão comprido, atulhado de cestos de arame repletos de papéis e com folhetos intensamente coloridos colados à frente. Por trás do balcão havia três secretárias, uma das quais ocupada por um homem corpulento e careca, de óculos. A sua *T-shirt* fez-me logo sentir que tinha vestido demasiada roupa para aquele tempo.

O careca levantou a cabeça.

– Posso ajudá-lo?

– Chamo-me Beau Swan – informei-o, e vi o reconhecimento imediato no seu olhar. Eu era esperado e, sem dúvida, tema de mexericos. O filho do chefe, aquele que tinha uma mãe instável, finalmente regressava a casa.

– É claro – retorquiu ele. Revistou uma pilha de documentos precariamente amontoados na sua secretária até encontrar o que procurava. – Tenho o teu horário aqui, Beaufort, e um mapa da escola.

Trouxe várias folhas até ao balcão para mas mostrar.

– Hã, trate-me por Beau, por favor.

– Oh, claro, Beau.

Explicou-me em que consistia cada uma das minhas aulas, indicou-me o melhor caminho para cada uma delas e deu-me uma ficha que cada professor deveria assinar e que eu tinha de ir devolver ao final do dia. Sorriu-me e desejou, tal como Charlie, que eu gostasse de estar em Forks. Correspondi-lhe ao sorriso da forma mais convincente de que era capaz.

Quando regresssei à *pick-up*, começavam a chegar mais alunos. Contornei a escola, seguindo a fila de trânsito. Fiquei contente ao verificar que, na maioria, os carros eram mais antigos, tal como o meu, e nada ostentosos. Em Phoenix, eu morava num dos poucos bairros para famílias de rendimentos mais baixos incluídos no distrito de Paradise Valley. No entanto, era comum ver um *Mercedes* ou um *Porsche* novo no parque de estacionamento para estudantes. Ali, o automóvel mais vistoso era um *Volvo* prateado novinho em folha, e dava nas vistas. Mesmo assim, desliguei o motor mal estacionei, para que o ruído atroador não chamasse a atenção.

Consultei o mapa dentro da *pick-up*, tentando decorá-lo; com alguma sorte, não teria de andar todo o dia na escola com ele diante do nariz. Guardei tudo dentro da mochila, coloquei a alça ao ombro e inspirei profundamente. «Não vai ser assim tão mau», menti a mim mesmo. Mas a sério, não se tratava

de uma situação de vida ou de morte – era só a escola secundária. Ninguém haveria de me morder, afinal. Por fim, expirei e saí da *pick-up*.

Mantive o rosto escondido pelo capuz enquanto me dirigia ao passeio apinhado de adolescentes. Fiquei satisfeito ao perceber que o meu casaco preto não dava nas vistas, embora não houvesse muito que pudesse fazer quanto à minha altura. Encolhi os ombros e segui de cabeça inclinada para baixo.

Assim que contornei a cantina, foi fácil localizar o edifício três. Na esquina oriental estava pintado um «3», grande e preto, num quadrado branco. Segui duas gabardinas unissexo e entrei.

A sala de aula era pequena. As pessoas que caminhavam à minha frente detiveram-se a seguir à porta, para pendurarem os casacos numa longa fileira de cabides. Imitei-as. Havia duas raparigas: uma era loura, com pele cor de porcelana, e a outra tinha igualmente uma tez pálida e os cabelos castanho-claros. Pelo menos ali a minha pele não chamaria as atenções.

Levei a ficha à professora, uma mulher esguia de cabelo ralo cuja secretária tinha uma placa que a identificava como «Professora Mason». Fitou-me, surpreendida ao ver o meu nome – desanimador – e eu senti o sangue a acorrer-me à cara, sem dúvida a formar manchas vermelhas pelas faces e pelo pescoço. Ao menos mandou-me sentar numa carteira vaga, ao fundo da sala, sem me apresentar à turma. Tentei encolher-me atrás da pequena secretária dando o menos possível nas vistas.

Era mais difícil para os meus colegas de turma olharem-me fixamente estando eu bem lá atrás; de qualquer forma, conseguiam fazê-lo. Mantive o olhar baixo, preso na lista de leituras que a professora me tinha facultado. Era relativamente elementar: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Já tinha lido tudo aquilo. Um facto reconfortante... e entediante. Perguntei-me se a minha mãe me enviaria a pasta que reunia os trabalhos antigos ou se consideraria que o facto de eu me socorrer deles seria o equivalente a copiar. Enquanto a professora falava monotonamente, fui imaginando várias discussões com ela.

Quando a campainha tocou, uma rapariga pálida e esgalgada com problemas de pele e cabelo a fazer lembrar um derrame de petróleo inclinou-se entre as carteiras para falar comigo.

– És o Beaufort Swan, não és?

Parecia ser do género de rapariga demasiado prestável, que pertence ao clube de xadrez.

– Beau – corrigi.

Todos os que estavam sentados num raio de três lugares se voltaram para mim.

– Onde é a tua próxima aula? – perguntou ela.

Tive de confirmar essa informação na minha mochila.

– Hum... Administração Pública, com a Jefferson, no edifício seis.

Não havia para onde me virar sem deparar com olhos curiosos.

– Eu vou para o edifício quatro, posso indicar-te o caminho... – Sem dúvida, excessivamente prestável. – Chamo-me Erica – acrescentou.

Obrigui-me a sorrir.

– Obrigado.

Pegámos nos casacos e dirigimo-nos para o exterior, onde a chuva se tinha intensificado. Poderia jurar que, atrás de nós, caminhavam várias pessoas a uma distância suficiente para escutarem a conversa. Esperava não estar a tornar-me paranoico.

– Então, isto é muito diferente de Phoenix, não? – perguntou ela.

– Muito.

– Lá, não chove muito, certo?

– Três ou quatro vezes por ano.

– Ena, como será isso? – maravilhou-se.

– Soalheiro – informei.

– Não pareces muito bronzado.

– A minha mãe é parcialmente albina.

Ela observou-me o rosto pouco à vontade e eu reprimi um resmungo. Pelos vistos as nuvens e o sentido de humor não eram conciliáveis. Uns meses naquele ambiente e também eu me esqueceria de como fazer comentários sarcásticos.

Voltámos a contornar a cantina e encaminhámo-nos para os edifícios que se situavam a sul, junto do ginásio. Erica acompanhou-me até à porta, apesar de o edifício estar visivelmente sinalizado.

– Bem, boa sorte – exclamou quando toquei no puxador. – Talvez tenhamos outras aulas em conjunto.

Parecia esperançosa.

Sorri-lhe – esperando que a minha expressão não fosse encorajadora – e entrei.

Passei o resto da manhã sensivelmente da mesma forma. A professora Varner, da aula de Trigonometria – de quem eu de qualquer maneira nunca teria gostado por dar essa disciplina –, foi a única que me fez ficar espedado diante da turma para me apresentar. Gaguejei, ruborizei e tropecei nas minhas próprias botas ao voltar para o meu lugar.

Passadas duas aulas, comecei a reconhecer rostos em cada uma das salas. Havia sempre alguém mais corajoso que se apresentava e me fazia perguntas a respeito do que achava de Forks. Eu tentava ser diplomático, mas, na maior parte das vezes, o que fazia era simplesmente mentir. Pelo menos, nunca precisei de recorrer ao mapa.

Em todas as aulas, os professores começavam por me chamar Beaufort e, embora eu os corrigisse de imediato, isso era deprimente. Eu tinha demorado anos a conseguir que deixassem de me tratar por Beaufort – *obrigadinho*, avô, por teres morrido poucos meses antes de eu nascer, levando a minha mãe a sentir-se obrigada a homenagear-te. Em Phoenix, já ninguém se lembrava de que Beau era apenas um diminutivo. Agora ia ter de recomeçar.

Um rapaz sentou-se ao meu lado nas aulas de Trigonometria e de Espanhol, acompanhando-me na caminhada até à cantina para almoçarmos. Era baixo, nem me chegava aos ombros, mas a guedelha encaracolada compensava alguma da nossa diferença de alturas. Como não conseguia lembrar-me do nome dele, ia sorrindo e acenando com a cabeça enquanto ele tagarelava a propósito de professores e de aulas. Não me esforçava por lhe seguir o raciocínio.

Sentámo-nos à ponta de uma mesa, ocupada por vários amigos dele, que me apresentou – não podia queixar-me dos modos das gentes dali. Esqueci os nomes de todos, mal os disse. Todos pareciam achar bem que ele me tivesse convidado. A rapariga que tinha conhecido na aula de Inglês, Erica, aceitou-me do outro lado da sala, e todos se riram. Já me tinha tornado o bobo da festa. Provavelmente isso era um novo recorde para mim. Mas nenhum parecia rir-se com maldade.

Foi ali, sentado no refeitório a tentar conversar com sete desconhecidos curiosos, que os vi pela primeira vez.

Estavam sentados a uma mesa de esquina ao fundo da cantina, tão afastados quanto possível do local onde eu me encontrava. Eram cinco. Não conversavam, nem comiam, apesar de cada qual ter um tabuleiro diante de si, com a comida intacta. Não me fitavam imbecilmente, ao contrário da maioria dos alunos; pelo que era seguro olhá-los eu fixamente. Não foi, todavia, nenhum destes aspetos que me prendeu a atenção.

A sua aparência em nada se assemelhava.

Havia três raparigas; dava para ver que uma era alta, mesmo estando sentada, talvez tão alta quanto eu – as pernas dela *nunca* mais acabavam. Talvez fosse a capitã da equipa de vólei, e fiquei logo com a certeza de que não queria ser apanhado por um dos seus ténis com pitões. Tinha o cabelo escuro e encaracolado apanhado num rabo-de-cavalo despenteado.

Outra tinha o cabelo louro da cor do mel a dar-lhe pelos ombros; não era tão alta quanto a morena, mas, ainda assim, devia ser mais alta do que a maioria dos rapazes à minha mesa. Havia qualquer coisa intensa nela, nervosa. Por esquisito que fosse, fazia-me lembrar uma atriz que tinha visto num filme de ação umas semanas antes, que abatia uma dúzia de tipos com um machete. Lembrava-me de ter pensado que não acreditava naquilo – que não era possível que a atriz tivesse enfrentado tantos maus da fita e vencido.

Mas naquela altura pensei que talvez tivesse acreditado na cena toda se a personagem fosse representada por *aquela* rapariga.

A última era mais pequena, com o cabelo algures entre o ruivo e o castanho, mas nem uma coisa nem outra, antes metálico, como cor de bronze. Tinha um aspeto mais novo que as outras duas, que até passariam por estudantes universitárias, sem dificuldade.

Os dois rapazes eram o oposto um do outro. O mais alto – que sem dúvida era mais alto do que eu, diria que com um metro e noventa e cinco, se não mais – era evidentemente o atleta mais famoso da escola. E o rei do baile de finalistas. E o tipo que tinha sempre a primeira escolha no equipamento que queria na sala de levantamento de pesos. Usava o cabelo dourado preso num carrapito junto à nuca, mas sem que isso lhe desse a menor aparência efeminada – até o fazia parecer mais homem. Claramente era demasiado fixe para aquela escola, ou para qualquer escola que eu fosse capaz de imaginar.

O tipo mais baixo era esguio e musculado, com o cabelo escuro tão curto que mal passava de uma sombra no seu crânio.

Completamente diferentes e, no entanto, todos eram idênticos. Todos eram pálidos como cal; os mais pálidos de todos os estudantes a viver naquela terra sem sol. Mais pálidos do que eu, o albino. Todos se caracterizavam por uns olhos extremamente escuros – que àquela distância até pareciam pretos – apesar da grande variedade de tons de cabelo. Também tinham olheiras escuras – sombras arroxeadas, semelhantes a hematomas. Talvez tivessem passado a noite em claro. Também era possível que lhes tivessem partido o nariz e aquela fosse a fase de recuperação. Só que os narizes deles, tal como todos os outros traços fisionómicos, eram retos, angulares.

Mas não era por isso que eu não conseguia desviar o olhar.

Observava-os fixamente porque os seus rostos, tão diferentes, tão similares, eram todos louca e desumanamente belos. Tanto elas como eles – lindos. Eram rostos que nunca se viam na vida real, só nas páginas lustrosas de uma revista de moda ou em cartazes. Ou talvez num museu, pintados por um velho mestre como a face de um anjo. Era difícil acreditar que fossem a sério.

Concluí que, de todos, a mais bela era a rapariga mais baixa, de cabelo cor de bronze, embora imaginasse que a metade feminina dos estudantes da escola votasse pelo louro que parecia uma estrela de cinema. Isso seria um erro, porém. Quero dizer, todos eram lindos, mas a rapariga tinha algo mais do que beleza. Era absolutamente perfeita. Tratava-se de um tipo perturbador e incómodo de perfeição. Deixava-me com o estômago às voltas.

Todos desviavam o olhar; desviavam-no uns dos outros, dos restantes alunos e de tudo em particular, tanto quanto me era dado a ver. A atitude lembrava-me modelos a fazerem poses artísticas para um anúncio – uma pose

de alheamento estético. Enquanto os observava, o rapaz esguio levantou o tabuleiro – um refrigerante por abrir, uma maçã por trincar – e afastou-se com uns passos rápidos e graciosos, que seriam bem empregues numa *passerelle*. Observei-o, perguntando-me se haveria uma companhia de bailado naquela cidade, até que ele despejou o tabuleiro e passou pela porta das traseiras, mais veloz do que eu teria imaginado ser possível. O meu olhar regressou aos outros, que estavam exatamente nas mesmas posições.

– Quem são *eles*? – perguntei ao rapaz da aula de Espanhol, cujo nome já tinha esquecido.

Quando ele levantou o olhar para ver a quem me referia – embora, provavelmente, já o soubesse pelo meu tom de voz –, de repente aquela que era perfeita olhou para nós. Fitou o meu companheiro apenas por uma fração de segundo e depois os seus olhos escuros cruzaram-se com os meus. Uns olhos alongados, amendoados, com pestanas espessas.

Desviou o olhar mais rapidamente do que eu, ainda que eu tenha baixado o olhar assim que ela o fez. Já sentia manchas vermelhas a começarem a espalhar-se pela minha cara. Naquele breve relance, o seu rosto não revelou qualquer interesse – era como se tivesse sido chamada e olhado involuntariamente, já decidida a não responder.

O meu vizinho de mesa soltou uma risada desconfortável e fitou a mesa, tal como eu.

Entre dentes, explicou-me:

– São os Cullen e os Hale. A Edith e a Eleanor Cullen, a Jessamine e o Royal Hale. O que se foi embora era o Archie Cullen. Vivem com a Dra. Cullen e o marido.

Nomes estranhos. Antiquados. O tipo de nomes com que os avós eram batizados – como o meu. Talvez isso estivesse em voga ali? Nomes de cidade pequena? Mas depois lembrei-me que o nome do rapaz ao meu lado era Jeremy. Na minha antiga turma de História, havia dois Jeremy.

– São todos... muito bem-parecidos. – Que eufemismo.

– Pois são! – concordou Jeremy com um novo risinho. – Porém, todos estão comprometidos uns com os outros: o Royal com a Eleanor e o Archie com a Jessamine. Além disso, *vivem* juntos.

Entre risos, ele agitou as sobranceiras de forma sugestiva. Não sabia porquê, mas a sua reação dava-me vontade de os defender. Talvez por parecer tão preconceituoso. Mas o que poderia eu dizer? Não sabia o que quer que fosse acerca deles.

– Quais são os Cullen? – perguntei, com vontade de mudar o tom da conversa, mas não o tema. – Não parecem aparentados... bem, quero dizer, mais ou menos.

– Oh, e não o são. A Dra. Cullen é extremamente jovem; tem trinta e poucos anos. São todos adotados. Os Hale, os louros, são mesmo irmãos, mais precisamente gêmeos, e foram colocados numa família de acolhimento.

– Parecem ter uma idade avançada para serem colocados numa família de acolhimento.

– Agora têm. O Royal e a Jessamine têm dezoito anos, mas já estão com o Sr. Cullen desde pequenos. Acho que ele é tio deles.

– Isso é impecável, que tenham cuidado de todos, sobretudo sendo tão jovens.

– Suponho que sim – reconheceu Jeremy, embora parecendo que preferiria não fazer qualquer comentário positivo. Por algum motivo, não gostava da médica e do marido... e pelos olhares que lançava aos filhos adotados, dava para perceber que talvez houvesse alguma inveja à mistura. – Mas acho que a Dra. Cullen não pode ter filhos – acrescentou, como se isso tornasse menos admirável o que o casal fazia.

Durante a conversa, eu não conseguia desviar os olhos da estranha família durante mais do que uns segundos de cada vez. Todos eles continuavam a fitar as paredes, sem comer.

– Sempre viveram em Forks? – perguntei.

Como seria possível que eu nunca tivesse dado por eles nos verões que passara ali?

– Não. Mudaram-se para cá há apenas dois anos, vindos de algures no Alasca.

Isso fez-me sentir uma estranha vaga de piedade e alívio. Piedade porque, por mais belos que fossem, continuavam a ser forasteiros, claramente não aceites. E alívio por não ser o único recém-chegado nem, de forma manifesta, o mais interessante, qualquer que fosse o critério.

Enquanto os examinava, a rapariga perfeita, uma Cullen, ergueu o olhar e cruzou-o com o meu, desta vez com uma curiosidade evidente. Ao desviar rapidamente o olhar, pareceu-me que o dela transmitia alguma espécie de expetativas não correspondidas.

– Qual é a rapariga de cabelo castanho-arruivado? – perguntei.

Tentei olhar de relance na direção dela, como se estivesse apenas a observar a cantina; ela continuava a olhar-me fixamente, mas não de um modo espantado como os restantes alunos tinham feito naquele dia – exibia uma expressão frustrada que eu não percebia. Voltei a baixar o olhar.

– É a Edith. É linda, claro, mas não percas tempo. Ela não sai com ninguém. Pelos vistos, nenhum dos rapazes daqui é suficientemente atraente para ela – comentou Jeremy num tom azedado e depois resfolegou. Perguntei-me quantas vezes ela o teria rejeitado.

Mordi o lábio para disfarçar um sorriso. E voltei a olhá-la de relance. O seu rosto estava voltado na direção oposta, mas, pela forma da face, parecia-me que também era capaz de estar a sorrir.

Uns minutos depois, levantaram-se os quatro da mesa. Todos tinham a mesma graciosidade séria – até o louro, o rei do baile de finalistas. Era estranho observá-los juntos em movimento. Edith não voltou a olhar para mim.

Fiquei sentado com Jeremy e os amigos dele durante mais tempo do que teria feito se tivesse almoçado sozinho. Não queria chegar atrasado às aulas no primeiro dia. Um dos meus novos colegas, que tinha a delicadeza de me ir lembrando que se chamava Allen, ia ter Biologia II comigo na hora seguinte. Caminhámos juntos para a aula em silêncio. Também devia ser tímido.

Quando entrámos na sala de aula, Allen foi sentar-se a uma bancada de laboratório exatamente igual às que eu conhecia da minha antiga escola. Ele já tinha colega de carteira. Na realidade, todas as bancadas estavam ocupadas, exceto uma. Ao lado da fila central, reconheci Edith Cullen devido ao seu cabelo invulgar de cor metálica, sentada ao lado do único lugar vago.

Enquanto percorria o corredor central para me apresentar ao professor e pedir-lhe que assinasse a ficha que me fora dada, observava-a, tentando fazê-lo sub-repticiamente. E, no momento em que eu passei, ela de súbito ficou rígida no seu assento. O seu rosto voltou-se para o meu com uma velocidade que me surpreendeu, fitando-me com a mais estranha das expressões – estava mais do que zangada, estava furiosa, hostil. Desviei o olhar, chocado, de novo a corar. Tropecei num livro e tive de procurar o equilíbrio na beira de uma bancada. A rapariga que aí estava sentada deixou escapar uns risinhos.

Eu tinha visto bem os seus olhos. Eram negros – como o carvão.

A professora Banner assinou a ficha e entregou-me um livro, sem quaisquer apresentações disparatadas ou menções ao meu nome completo. Percebi que nos daríamos bem. Como é evidente, não teve alternativa senão mandar-me sentar no único lugar vago, no meio da sala. Mantive os olhos baixos enquanto caminhava para ir sentar-me ao lado *dela*, sem saber o que poderia ter feito para merecer o olhar antagónico que ela me tinha lançado.

Não levantei a cabeça ao pousar o livro na carteira e ocupar o meu lugar, mas, pelo canto do olho, vi a sua postura alterar-se. Estava a inclinar-se, distanciando-se de mim, sentada mesmo à beirinha da cadeira e a desviar o rosto como se tivesse sentido um odor desagradável. Discretamente, farejei o ar à minha volta. A minha camisa cheirava a detergente da roupa. Como é que isso podia incomodá-la? Afastei a cadeira para a direita, dando-lhe o máximo de espaço possível, e tentei prestar atenção à professora.

A aula era sobre anatomia celular, um assunto que eu já tinha estudado. Não obstante, fui tirando apontamentos com o maior dos cuidados, sempre de cabeça baixa.

De vez em quando, não conseguia evitar espreitar a estranha rapariga a meu lado. Durante toda a aula, nunca relaxou a posição hirta na borda da cadeira, mantendo-se tão distante quanto seria possível. Tinha a mão cerrada num punho pousada sobre a perna esquerda, com os tendões a sobressaírem sob a pele pálida. Também nunca relaxou a mão. Tinha as mangas da camisa branca arregaçadas até aos cotovelos e o seu antebraço contraía-se com um músculo surpreendentemente duro debaixo da pele pálida. Não pude deixar de reparar na pele perfeita que ela tinha, sem sequer um sinal ou uma cicatriz.

A aula parecia arrastar-se mais do que as restantes. Seria por o dia estar prestes a terminar ou por eu estar à espera de que o seu punho tenso se distendesse? Isso nunca chegou a acontecer; ela permanecia de tal modo estática que parecia não estar sequer a respirar. O que se passaria com ela? Seria assim o seu comportamento normal? Pus em causa a minha interpretação a respeito do azedume de Jeremy ao almoço. Talvez não estivesse apenas despeitado.

Aquela atitude não podia, de forma alguma, estar relacionada comigo. Ela não me conhecia de lado algum.

A professora Banner distribuiu alguns testes quando a aula estava a chegar ao fim. Deu-me um para que o passasse à rapariga. Olhei de relance para o cabeçalho... cem por cento... e eu tinha percebido mal o seu nome. Era Edythe, não «Edith», como eu julgava. Nunca o tinha visto escrito dessa maneira, mas assentava-lhe melhor.

Olhei de relance para ela enquanto lhe entregava o teste e logo me arrependi. Ela estava outra vez a lançar-me um olhar irritado; os seus olhos grandes e negros estavam cheios de repulsa. Estremeci ao afastar-me do ódio que emanava dela, com a expressão «se o olhar matasse» a passar-me pela cabeça.

Nesse momento, a campanha tocou de uma forma sonora, sobressaltando-me, e Edythe Cullen saiu da sua cadeira. Movia-se como uma bailarina, com cada linha do corpo esguio em harmonia com todas as outras, de costas voltadas para mim, e transpôs a porta antes que alguém tivesse tempo de sair do seu lugar.

Permaneci imóvel, lançando o olhar vazio na direção que ela seguira. Ela era tão dura. Comecei a recolher as minhas coisas lentamente, tentando bloquear a confusão e a culpa que estavam a invadir-me. Porque haveria de me sentir culpado? Eu não tinha feito nada de mal. Como podia ter feito? Ainda nem tínhamos sido apresentados.

– Não és o Beaufort Swan? – perguntou uma voz feminina.

Levantei o olhar e deparei-me com uma rapariga gira, com cara de bebé, de cabelo cuidadosamente esticado para formar uma cortina loura, e que me sorria de um modo amistoso. Era evidente que ela não achava que eu cheirasse mal.

– Sou o Beau – corrigi-a, correspondendo-lhe ao sorriso.

– Eu chamo-me McKayla.

– Olá, McKayla.

– Precisas de ajuda para encontrar a sala onde vais ter a próxima aula?

– Na verdade, vou para o ginásio. Acho que consigo encontrá-lo.

– Essa também é a minha próxima aula.

Parecia encantada, ainda que o facto não fosse uma grande coincidência numa escola tão pequena.

Caminhámos juntos; ela era uma tagarela – encarregou-se de grande parte da conversa, o que me facilitava as coisas. Tinha vivido na Califórnia até aos dez anos, pelo que percebia o que eu sentia em relação ao sol. Veio a verificar-se que também fazia parte da minha turma de Inglês. Era a pessoa mais simpática que eu tinha conhecido naquele dia.

No entanto, quando entrávamos no ginásio, perguntou-me:

– Então, apunhalaste a Edythe Cullen com um lápis ou quê? Nunca a vi agir assim.

Retraí-me. Afinal não tinha sido o único a reparar e pelos vistos aquele *não* era o comportamento normal de Edythe Cullen. Decidi fazer-me despercebido.

– A rapariga que estava ao meu lado na aula de Biologia?

– Sim – respondeu ela. – Parecia estar em sofrimento ou algo do género.

– Não sei – repliquei. – Nem cheguei a falar com ela.

– Ela é esquisita. – McKayla demorava-se na minha companhia em vez de se dirigir ao vestiário. – Se eu tivesse ficado sentada ao teu lado, teria falado contigo.

Sorri-lhe antes de passar a porta do balneário masculino. Ela era amável e parecia gostar de mim, mas isso não era suficiente para me levar a esquecer a estranha hora anterior.

A professora de Ginástica, a treinadora Clapp, arranjou-me equipamento, mas não me obrigou a usá-lo para participar na aula daquele dia. Em Phoenix só eram requeridos dois anos de Educação Física. Ali, a disciplina era obrigatória durante os quatro anos. A minha versão do inferno na Terra.

Assisti a quatro partidas de voleibol que decorriam simultaneamente. Ao lembrar-me das lesões que sofrera – e infligira – sempre que jogava vôlei, senti-me um pouco maldisposto.

O último toque de saída soou por fim. Encaminhei-me vagarosamente para o Conselho Executivo, para devolver os documentos que me tinham sido entregues. A chuva tinha parado, mas o vento era forte e estava mais frio. Puxei o fecho-éclair do casaco até cima e enfiei a mão que tinha livre num bolso.

Quando entrei no gabinete aquecido, quase dei meia volta e saí pelo mesmo sítio.

Edythe Cullen estava junto à secretária à minha frente. Seria impossível não reconhecer o seu desgrenhado cabelo cor de bronze. Não pareceu aperceber-se do som da minha entrada. Encostei-me à parede do fundo, à espera que o rececionista que estava a ficar careca pudesse atender-me.

Ela discutia com ele num tom grave e sedutor. Depressa compreendi o cerne da questão. Estava a tentar mudar a aula de Biologia ao sexto tempo para outra hora – qualquer que fosse.

Aquilo *não* podia ser por minha causa. Devia tratar-se de algo mais, algo que acontecera antes de eu entrar na sala de Biologia. A sua expressão deveria ser motivada por um problema completamente distinto. Eu não era suficientemente interessante para provocar uma reação tão forte.

A porta abriu-se de novo e o vento frio irrompeu pela sala, soprando os documentos que estavam sobre a secretária e agitando-me o cabelo. A rapariga que entrou limitou-se a dirigir-se à secretária, deixar um bilhete no cesto de arame e sair. Mas as costas de Edythe Cullen retesaram-se e ela virou-se lentamente para me fitar – o seu rosto era ridiculamente perfeito, sem uma falha sequer que lhe desse uma aparência humana – com um olhar penetrante e repleto de ódio. Por instantes, senti um frémito de *medo* genuíno, que fez com que os pelos dos meus braços se eriçassem. Era como se ela fosse sacar de uma arma e disparar contra mim. O olhar durou apenas um segundo, mas enregelou-me mais do que o vento. Ela virou-se de novo para a rececionista.

– Então, esqueça – disse apressadamente num tom que parecia de veludo.
– Estou a ver que é impossível. Muito obrigada pela sua ajuda.

Deu meia volta, sem voltar a pousar os olhos em mim, e desapareceu porta fora.

Eu encaminhei-me com passos robóticos para a secretária, com o rosto inusitadamente branco em vez de vermelho, e entreguei os papéis assinados ao rececionista.

– Como correu o teu primeiro dia, filho? – perguntou-me.

– Muito bem – menti, com a voz a falhar-me.

Percebi que não o tinha convencido.

Quando entrei na *pick-up*, esta era praticamente a última viatura que se encontrava no parque de estacionamento. Parecia um refúgio, já mais

semelhante a um lar naquele inferno verde e húmido. Permaneci sentado no interior por uns momentos, apenas a lançar o olhar vazio através do para-brisas. Mas depressa senti frio, ao ponto de necessitar do aquecimento, pelo que dei à chave e o motor roncou ao começar a funcionar. Pus-me a caminho da casa de Charlie, a tentar não pensar no que quer que fosse.